



Um dos mais importantes movimentos de índole cultural de sempre ocorridos em Vila Real foi o Movimento Setentrião, que agitou o relativo marasmo da cidade na década de 1960. Nasceu de modo quase fortuito, de conversas à mesa do café em jeito de tertúlia, sem prejuízo de que os seus protagonistas levaram muito a sério o seu papel e imprimiram ao movimento uma coerência e uma determinação notáveis, mesmo quando as circunstâncias não permitiram a concretização de alguns projectos.

Num texto que pode ser considerado programático do movimento, assinado por Eurico Figueiredo, a abrir o número 1 da Revista Setentrião (“Sobre a necessidade de núcleos culturais activos na província”), enumeram-se os seus objectivos essenciais, onde se notam preocupações com a preservação da cultura popular lado a lado com a necessidade de difusão cultural (ainda vinham longe as teses de Arc-et-Senans e o conceito de democracia cultural). Mas já se defendia um certo grau de formação dos agentes culturais, ao alertar para os perigos de uma acção «alicerçada unicamente no improvisado». E já se tinha em vista um certo papel seminal do movimento, ao proclamar que «o nosso fito final é fomentar em diferentes cidades e vilas trasmontanas o aparecimento de núcleos culturais semelhantes, com os quais, uma vez formados, iniciaremos a melhor camaradagem».

O grupo responsável pelo Movimento Setentrião tinha como figura de proa António Cabral – o Padre Cabral –, que saíra do Seminário em 1954 com a cabeça cheia de projectos de natureza cultural (característica que aliás conservaria até ao final de vida). Era, para uns quantos jovens estudantes universitários e mesmo liceais, uma espécie de mentor, mas não devemos





subestimar o papel dos restantes, entre os quais se contavam o já referido Eurico Figueiredo, José Vasconcelos Viana, Nuno Barreto, António Barreto, Eduardo Guerra Carneiro e, de um nível etário mais avançado, Gonçálinho de Oliveira – tudo gente que viria a distinguir-se no futuro, em diversos campos. Pertencia igualmente ao movimento a figura discreta de Ascenso Gomes. De referir também Carlos Loures, um poeta do sul que viveu algum tempo em Vila Real, onde desempenhou funções na Biblioteca Itinerante da Fundação Gulbenkian e onde estabeleceu laços de amizade e camaradagem com o grupo Setentrião, em que veio a ter papel importante. A estes se agregaram, atraídos mais pelo convívio e companheirismo do que por inquietações intelectuais propriamente ditas, outros elementos, como Jorge Rocha, Francisco Lebres, Pompeu Delfim Cramez, Raul Branco e Manuel Areias.

O pressuposto em que se baseava o movimento era a verificação de um facto indesmentível: a debilidade da vida cultural local e regional. Havia que revitalizá-la e alimentá-la («incrementar, em largas camadas da população, interesses culturais capazes», escrevia Eurico Figueiredo), e ao mesmo tempo ajudar o povo de Trás-os-Montes e Alto Douro a tomar consciência da riqueza da sua própria cultura. Trazia assim consigo o movimento uma componente de afirmação da cultura popular regional que todavia não viria a ser a sua linha de força dominante. Esse papel caberia à divulgação da cultura dita erudita, e em especial à literatura e mais especificamente ainda à poesia, justamente aquelas áreas em que mais à vontade se movimentava António Cabral, que, como ficou dito, de algum modo liderava o movimento.

Quem diz literatura e poesia, diz livros e revistas. Com efeito, o grupo não se limitou a conversar sobre poesia e literatura à mesa da Pastelaria Gomes, mas levou a cabo uma actividade editorial consistente que se pode considerar como o grande legado concreto e palpável do Movimento Setentrião.

No âmbito dessa actividade, foram editados dois cadernos da revista justamente intitulada Setentrião, o número 1 em Janeiro de 1962 e o 2/3 (número duplo) em Junho do mesmo ano. Foi igualmente editada, em Janeiro de 1964, a Folha n.º 1 da Colecção Setentrião / Documentos, Notas e Notícias. Ao atribuir o número 1 a esta folha – um simples folheto A4 dobrado ao meio, de distribuição gratuita –, certamente se tinha em vista dar-lhe continuidade, quando não regularidade. Todavia, não nos chegam ecos de quaisquer números ulteriores.

E foi ainda editada uma colecção de livros, a maioria de poesia, – a rigor, edições de autor «seleccionadas para a Colecção Setentrião» –, que pretendia «agrupar numa força única todas as obras literárias que forem publicadas em



Trás-os-Montes e Alto Douro, interessando-se especialmente por aquelas que se distinguem pelo seu realismo humano».

Nesta ideia de realismo humano andam laivos de uma certa cultura de esquerda, que aliás era uma espécie de traço de união entre a maioria dos elementos do grupo. António Cabral tinha já insistido, e insistiria ainda no futuro, na defesa do neo-realismo como um caminho idóneo para a literatura. E, na Folha n.º 1, equaciona mesmo aquilo a que chama neo-regionalismo. O neo-regionalismo será, na perspectiva de António Cabral, uma espécie de neo-realismo de matriz rural e telúrica e algo que se opõe ao regionalismo tout court «de baladas e paisagens policrómicas».

Na Colecção Setentrião publicaram-se os seguintes títulos: Poemas durienses – 1963, poesia, de António Cabral; Negro sobre Negro – 1963, poesia, de Granjo de Matos; Uma varanda sobre o rio – 1963, contos, de José Aguilar; Terra Fria, 1963 – poesia, de Miguel Montes, pseudónimo de José Dias Baptista; Neve, 1965 – teatro, de Carlos Alberto; Algas e deuses – 1965, poesia, de José Magem, pseudónimo de Joaquim Barros Ferreira; Poemas do silêncio e da distância – 1966, poesia, de Telmo da Fonseca; e Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro – 1968, organizada por Carlos Loures.

Ficaram por publicar dois títulos que chegaram a ser anunciados na referida Folha n.º 1: Tempo de guerra, de Edgar Carneiro, e Poemas do Nordeste, de Eduardo Guerra Carneiro, filho do anterior.

Trata-se maioritariamente, como vimos, de obras de poesia. (Outra vez o influxo tutelar de António Cabral, que à altura ainda não se tinha estreado em qualquer outro género literário?) Há poesia de autores estreantes e muito jovens (como Miguel Montes), lado a lado com a de poetas mais maduros e já com obra publicada (como Telmo da Fonseca).

Merecem naturalmente uma menção especial os Poemas durienses, de António Cabral, n.º 1 da colecção. Foi de todos o que obteve maior reconhecimento público, pelas novas perspectivas que abriu sobre a região do Douro, pondo mais ênfase no homem e na sua epopeia de construtor de socalcos do que nas belezas paisagísticas e no folclore.

Um papel à parte, neste elenco de publicações, cabe também ao n.º 8, a Antologia da Poesia Contemporânea de Trás-os-Montes e Alto Douro. Encarregou-se da selecção Carlos Loures, na altura já a viver em Tomar.

Encontram-se representados nela: Afonso de Castro, Domingos Monteiro, Fausto José, Miguel Torga, Alberto Miranda, Edgar Carneiro, José Gonçalves



de Oliveira, Nuno Teixeira Neves, António José Maldonado, Bento da Cruz, Alfredo Margarido, António Borges Coelho, Maria Augusta Ribeiro, António Cabral, Nelson Vilela, Granjo de Matos, José Barcos, pseudónimo de José Barros da Costa, Francisco Dias Cordeiro, Miguel Montes, pseudónimo de José Dias Baptista, José Magem, pseudónimo de Joaquim de Barros Ferreira, Eduardo Guerra Carneiro e Manuel Pinto.

Como se vê, foram antologados, lado a lado com poetas com nome feito, outros que jazem hoje no esquecimento. Foi a antologia possível, nesse ano de 1968? A organização de uma antologia é sempre um trabalho de risco, pelo grau de subjectivismo que envolve. A verdade é que há sempre quem se queixe de omissões e de inclusões, ou questione a representatividade dos trechos seleccionados. Mas isso não tira que esta antologia seja uma primeira e muito útil tentativa, que até hoje permanece a única, de abranger num só volume nomes representativos da poesia trasmontana e alto-duriense.

A Afonso de Castro, Fausto José, Miguel Torga, Alberto Miranda, José Gonçalves de Oliveira e António Cabral dedicámos já sessões no Ciclo "Poesia Trasmontana e Alto-Duriense" em curso. Domingos Monteiro e Bento da Cruz, por seu turno, foram estudados no âmbito do Ciclo "Os Contistas da Ruralidade Trasmontana e Alto-Duriense", já que em ambos, e sobretudo em Bento da Cruz, a produção poética é relativamente escassa e geralmente tida por menor em relação à obra de ficção.

Dos restantes gostaríamos de destacar – pela sua efectiva ligação ao Movimento Setentrião, a que esta sessão é dedicada – Eduardo Guerra Carneiro, o mais jovem do grupo e um dos mais activos.

Nascido em Chaves, em 1942, frequentou o Liceu Nacional de Vila Real, onde concluiu o antigo 7.º ano. Poeta precoce, publicou aos 19 anos (ainda estudante liceal) o primeiro livro, O perfil da estátua (1961). Frequentou o Curso de História (no Porto e em Lisboa), sem o concluir. Abraçou então a carreira de jornalista, tendo trabalhado em inúmeros jornais e revistas: República, O Primeiro de Janeiro, O Século, Diário Popular, Portugal Hoje, TV Guia e outros. Em livro, publicou dois volumes de crónicas, O revólver do repórter (1994) e Outras fitas (1999). Mas foi sobretudo como poeta que nos deixou uma obra de extensão e qualidade considerável: além de O Perfil da Estátua, escreveu Corpo terra (1965), Algumas palavras (1969), Isto anda tudo ligado (1970), É assim que se faz a história (1973), Como quem não quer a coisa (1978), Dama de Copas (1981), Contra a corrente (1989), Profissão de Fé (1990), Lixo (1993) e A noiva das Astúrias (2001). Foi também autor de textos para cinema, televisão e rádio. À data da sua morte, trabalhava num romance.





Espírito independente e inclinado à boémia e à vida nocturna, Eduardo Guerra Carneiro foi de algum modo um inadaptado, condição agravada por circunstâncias de natureza laboral e também familiar. Suicidou-se na noite de 1 para 2 de Janeiro de 2004, no prédio onde residia, no Bairro Alto, em Lisboa.

O seu livro de estreia, O perfil da estátua, mereceu desde logo uma apreciação altamente elogiosa de António Cabral:

«Os poemas deste livro, além de nos sugerirem uma magnífica compreensão das coordenadas artísticas do tempo, impelem também a uma forte reflexão sobre o seu real valor. Pelo depuramento da forma, pela unidade e sobriedade do pensamento, constituem um conjunto admirável que qualquer crítico atento irá com certeza reconhecer. Mas reconhecerá mesmo?»

Espero que ainda haja quem saiba descobrir em 'O Perfil da Estátua' mais do que um notável encontro de influências que também, e naturalmente, não poderia deixar de ser. É bom lembrar que o autor é um jovem finalista do Liceu de Vila Real.»

De uma forma geral, a poesia de Eduardo Guerra Carneiro aproxima-se do chamado surrealismo, escola que em Portugal teve os seus principais cultores em Mário Cesariny de Vasconcelos, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Luiz Pacheco, Alexandre O’Neil. Do seu programa estético-literário faziam parte a exploração do inconsciente, da psicanálise e do sonho, a expressão automática e aleatória, o exoterismo, o humor negro, o absurdo e irreal, o cadavre exquis.

TRÁS-OS-MONTES

O som dos chocalhos mistura-se
com o da gaita de foles e vejo
uma águia nas alturas – sombra
marcada no granito da serra.
A morte era apenas
uma palavra a mais no dicionário
– com a sua feroz gadanha





ainda a não tinha visto
em nossa casa. Heliodora é ruiva:
um girassol aberto no Nordeste.
Fortunato, ferreiro, manda o aprendiz
dar ao fole imenso para avivar as chamas.
Ensina-o depois a malhar o ferro
para entre água e fogo temperar o aço.

Um avião a jacto risca o céu,
feito de algodão iodado no planalto.
Os ginetos atravessavam em correria
a serra de Montezinho. Aguços brancos
brilham no chão das queimadas. Olmos,
longas fileiras de olmos, e o chiar
dos carros de bois, de rodas vermelhas
e altos estadulhos. Um horizonte
azul e rosa de pombais em ferradura.
Partem os homens para as feiras,
de socos nos pés, galgando léguas
pelos ermos entre os montes.
Matam-se ainda à sacholada
por simples questão de águas.

Eduardo Guerra Carneiro, *Contra a corrente*. – Lisboa : & etc, 1988

